

CONSTRUÇÕES CAUSAIS NA INTERACÇÃO VERBAL DE UMA CRIANÇA BILINGUE
LUSO-POLACA AOS CINCO ANOS DE IDADE - CONTRIBUIÇÃO PARA UM ESTUDO
DE MODELOS MENTAIS E PRODUÇÃO VERBAL

Hanna Jakubowicz BATORÉO

Nos últimos anos, vários autores têm debatido o problema de a coerência de um texto depender da existência de ligações causais entre os seus elementos,¹ chegando, inclusivé, a sugerir que o sentido principal da narrativa depende, em alto grau, da cadeia causal dos acontecimentos referidos no texto. O papel central que a causalidade desempenha na apreensão do texto faz com que se torne indispensável verificar como os participantes da interacção verbal respondem às perguntas causais.

Este problema torna-se ainda mais claro no caso de pessoas bilingues, especialmente no caso de crianças que adquirem simultaneamente duas línguas desde a nascença. O que se pretende verificar na investigação referente à causalidade na produção verbal dos bilingues não é apenas a importância que este tipo de relações entre os elementos constituintes tem para a coerência do texto; o que interessa principalmente é verificar se os estímulos de carácter semelhante, mas apresentados em línguas diferentes, fazem operar modelos mentais parecidos nas produções verbais desempenhadas em cada uma das línguas adquiridas.²

É precisamente este o objectivo do presente estudo:

- verificar, por um lado, como funcionam as relações de tipo causal nas produções verbais da criança bilingue sob observação e, por outro,

- averiguar se um estímulo semelhante - neste caso, uma solicitação de tipo causal - faz operar o mesmo tipo de modelo mental no caso de cada uma das línguas em aquisição.

Este estudo faz parte de uma pesquisa mais vasta referente à aquisição simultânea de duas línguas: o português e o polaco por uma criança bilingue, trabalho que temos vindo a desenvolver já há alguns anos.³ A criança sob observação - actualmente com cinco anos e seis meses - é filha de pai português e de mãe polaca. Nasceu e vive em Lisboa num meio quase exclusivamente português, onde frequenta um colégio desde a idade de dois anos e meio. A mãe é, praticamente, a sua única fonte de contacto com a língua e cultura polaca.

Na altura em que recolhemos o material para o presente trabalho, isto é aos cinco anos e três meses e antes da sua primeira ida à Polónia (no mês seguinte), a criança mostrava um certo desnível no conhecimento e funcionamento em ambas as línguas: se em português funcionava como uma falante nativa da língua, em polaco apresentava algumas deficiências, especialmente a nível do vocabulário e da fluência de expressão, podendo, no entanto, ser considerada bilingue - no sentido mais vasto do termo - já que conseguia assegurar a comunicação não apenas na sua língua mais forte - o português - mas também na sua língua "desprivilegiada" - o polaco.

O corpus do presente estudo é constituído por duas gravações, uma em cada uma das línguas, efectuadas com intervalo de uma semana e com duração de cerca de uma hora cada e, em seguida, devidamente transcritas.⁴ O corpus português foi gravado em vídeo e é constituído por interacções com a criança, orientadas por uma professora de Psicologia Médica, sendo essas interacções referentes, em princípio, à construção de uma cidade com elementos específicos destinados a esse fim. O corpus polaco foi gravado em áudio e é constituído por interacções orientadas por uma professora de língua polaca, efectuadas no quarto da criança e referentes a vários tipos de brincadeiras que se procuraram desenvolver a partir dos brinquedos existentes. Acrescentou-se-lhe, igualmente, um pequeno corpus (15 minutos) orientado pela mãe da criança e gravado nas mesmas condições.

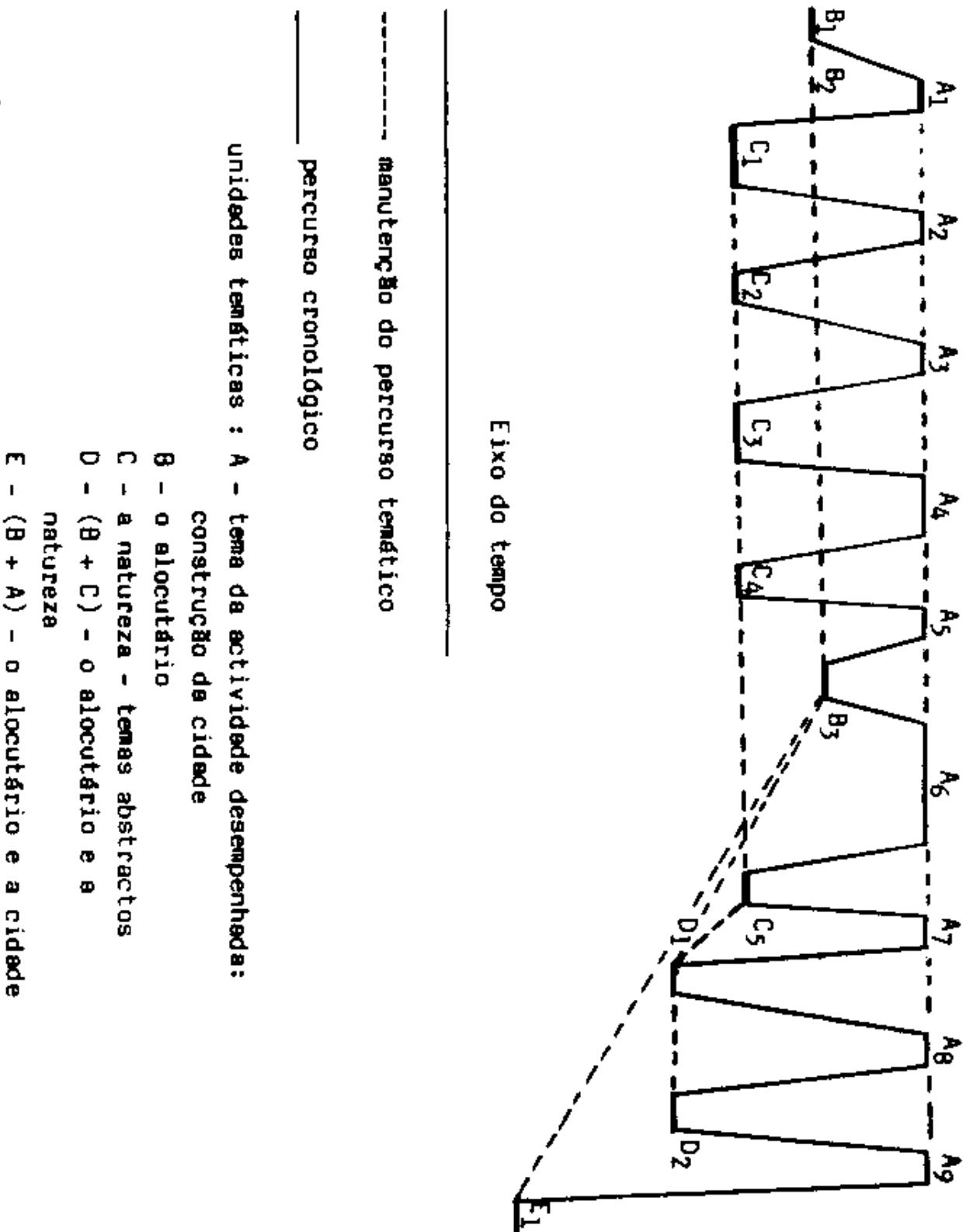
Cada um dos corpora reunidos tornou-se objectivo de análise das estratégias de interacção verbal existentes, assim como da sua organização e funcionamento dentro do texto.

Tratando-se de um estudo ainda em curso, procuraremos, a seguir, apresentar as partes da análise já concluídas e fazer o ponto da situação das pistas que pretendemos seguir futuramente neste estudo.

O corpus português analisado articula-se à volta de cinco temas principais, realizados em vinte unidades temáticas, que, por sua vez, se dividem numa série de subtemas, no total de 94. Esta divisão constitui a macroestrutura do texto. Os temas, ora abandonados ora retomados pelas intervenientes formam uma série de movimentos que articulam o percurso da interacção (Fig. 1).

MACROESTRUTURA - MOVIMENTOS TEMÁTICOS

(Percurso dos cinco temas principais representados no corpus)



Cada uma das unidades da macroestrutura tem por sua vez a sua microestrutura, constituída pelos movimentos de três tipos de estratégias: as de solicitação do Locutor 2 (15 tipos), de reacção do Locutor 1 (oito estratégias) e de reforço da reacção pelo Locutor 2 (nove estratégias). (Fig. 2a e 2b). Estes movimentos podem ser simples - solicitados ou não (neste caso quando surgem espontaneamente iniciados pela criança), assim como abertos ou fechados, conforme a estratégia utilizada pela orientadora para o prosseguimento da interacção. Os movimentos simples funcionam em séries que obedecem a certa regularidade, segundo o tipo de solicitação utilizada na interacção. (Fig. 3)

Procuraremos, a seguir, mostrar como, ao nível de uma unidade temática, se interpenetram a microestrutura e a macroestrutura do texto. Servir-nos-á de exemplo um dos cinco temas principais: o tema C - "A natureza e temas abstractos" que aparece ao longo do texto em cinco unidades: C₁, C₂, C₃, C₄, e C₅ para, seguidamente, ser retomado no tema de tipo D - "O alocutário e a natureza". Cada uma das unidades temáticas de tipo C divide-se, por sua vez, em subtemas, havendo p. ex. cinco categorias deste tipo na unidade C₃ - subtemas C₃₁ - C₃₅, - a que podemos atribuir os seguintes subtítulos: C₃₁ - "A praia", C₃₂ - "O mar", C₃₃ - "O vento", C₃₄ - "As nuvens" e C₃₅ "As nuvens grandes e as nuvens pequenas". Escolhemos as unidades C₃₂, C₃₃ e C₃₄ para apresentar as estratégias utilizadas na interacção, isto é os tipos de solicitações, reacções e reforços, assim como o seu inter-relacionamento em movimentos (Fig. 4).

ESTRATÉGIAS DE INTERACÇÃO

-SOLICITAÇÕES
-RESPOSTAS
-REFORÇOS

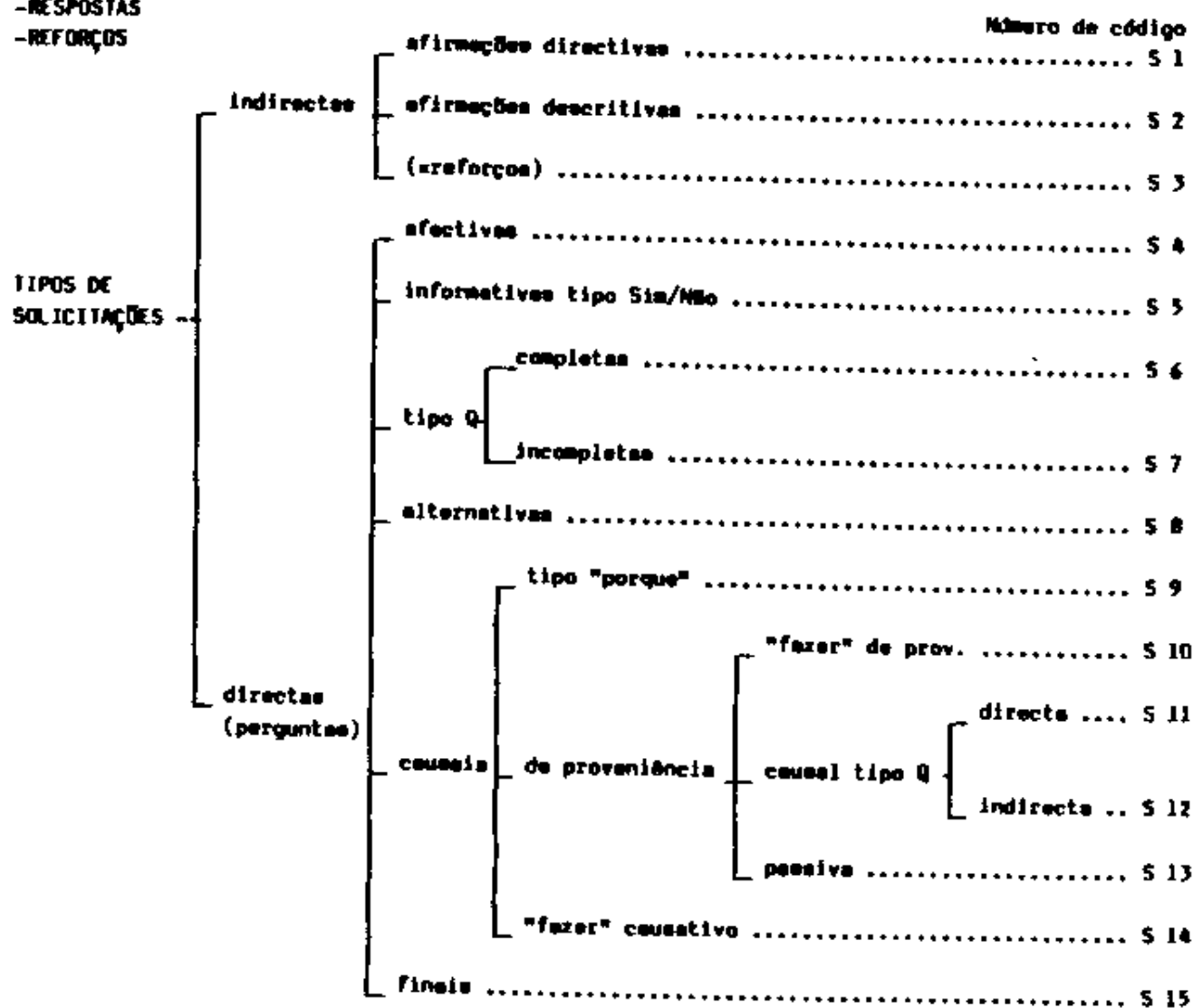


Fig. 2 a

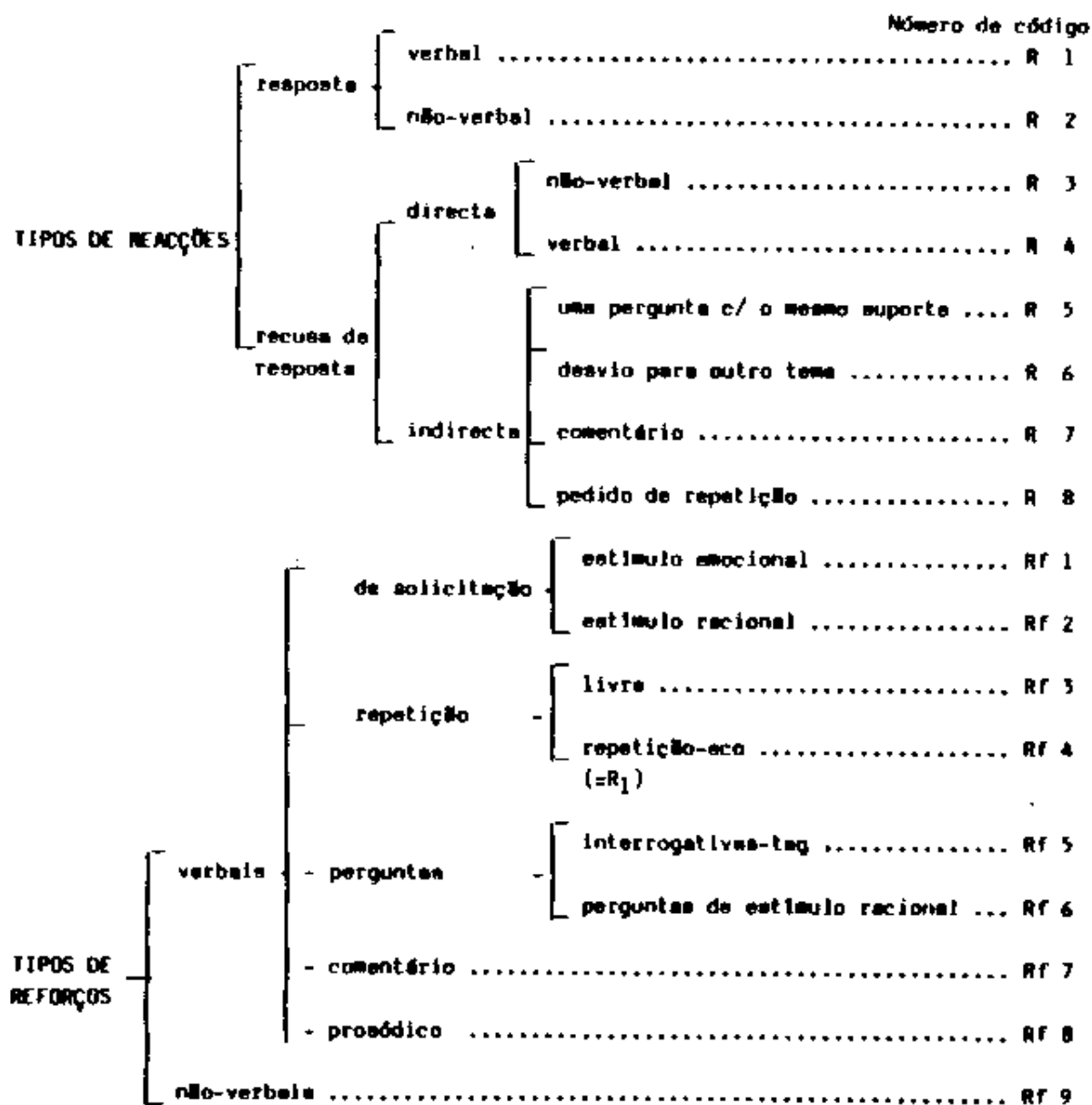


Fig. 2b

MICROESTRUTURA - MOVIMENTOS DE ESTRATÉGIAS

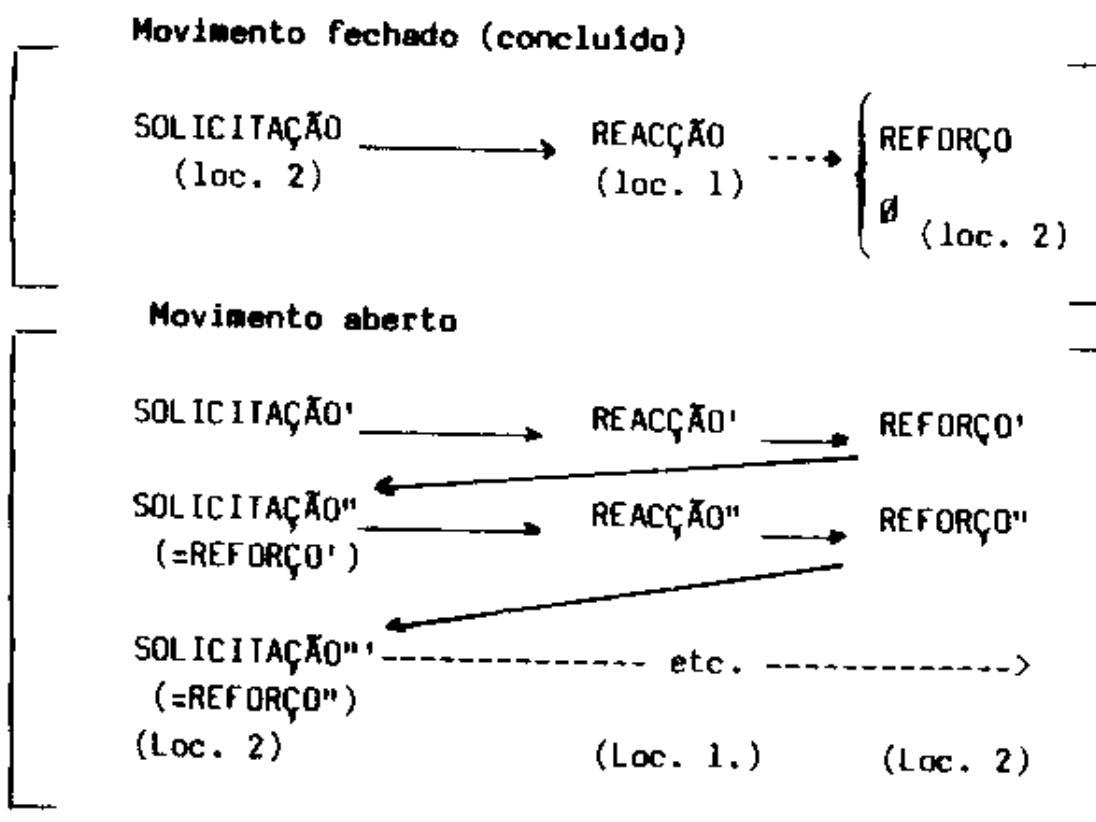
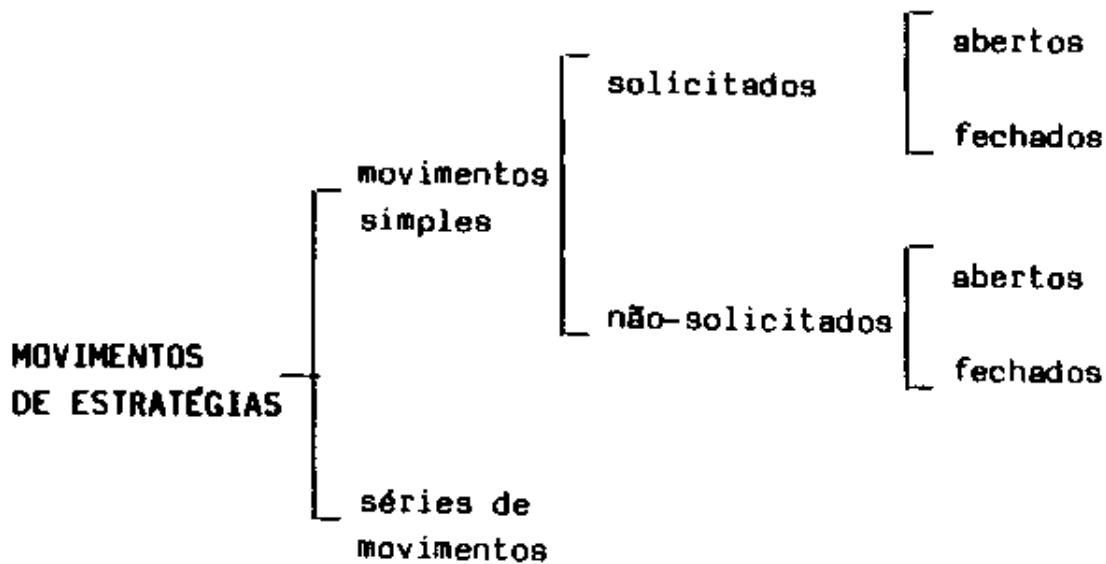


Fig.3

Movimento não-solicitado

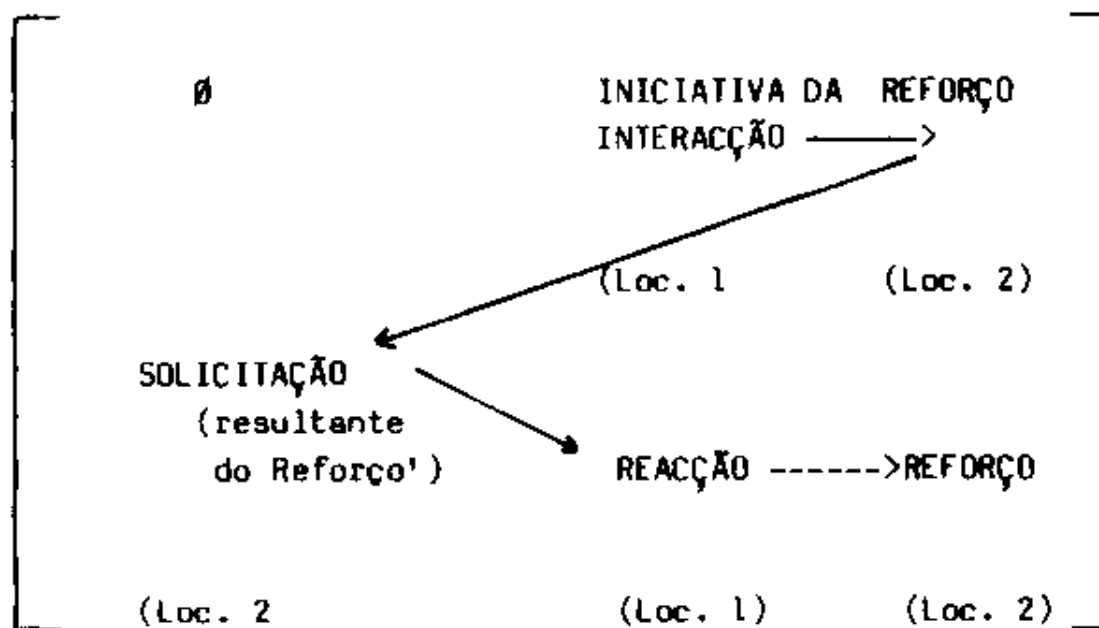


Fig. 3 = Transparência 2

EXEMPLO DA INTERDEPENDÊNCIA DA MICROESTRUTURA E DA MACROESTRUTURA

		Estratégias e séries de Movimentos
C 32 (5/3 - 5/9) "O mar"		
Ex	Loc 2. Olha para o mar na praia mexe muito? - como é que ele mexe? - como é que tu vêes que ele mexe?	M ₁ S ₁₁ S ₅ S ₁₂
nº 1	Loc 1. Com o vento	R ₁
	Loc 2. Com o vento - o que é que faz mexer a água no mar	Rf ₄ S ₁₀
	Loc 1. Ah? - o vento //ri//	R ₁ R ₂
	Loc 2. O vento	M ₂ Rf ₄ = S ₃
	Loc 1. //ri//	R ₂
C 33 (5/10 - 6/2) "O vento"		
Ex.	Loc 2. Onde é que vem o vento?	S ₁₁
nº 2	Loc 1. Eh? - não sei //ri//	R ₄ R ₃
	Loc 2. Dizem que não sabes - é mais fácil dizer que tu não sabes	Rf ₂ = S ₃ Rf ₂ = S ₃
	Loc 1. É do céu	M ₃ R ₁
Ex.	Loc 2. É do céu - o que é que faz soprar o vento?	Rf ₄ S ₁₀
nº 3	Loc 1. //sopra// não sei	R ₃ R ₄
	Loc 2. Não sabes - não sabes? - mas deves ter uma ideia sobre isso - o que é que tu achas que faz soprar o vento?	Rf ₄ Rf ₄ M ₄ Rf ₂ = S ₃
	Loc 1. //ri// //sopra//	S ₄ (S ₁₀)
	Loc 2. Sabes porque - estás a fazer - como é que é? - faz lá	R ₃ R ₂ Rf ₂ S ₂ S ₆
	Loc 1. //ri// //sopra//	S ₁
	Loc 2. O que é que faz soprar o vento?	R ₃ R ₂
	Loc 1. //pensa// A boca	S ₁₀
	Loc 2. A boca? - de quem?	M ₅ R ₁ M ₆
	Loc 1. Dos meninos das senhoras e dos pais e dos senhores	Rf ₄ R ₁
1.	Loc 2. Dos meninos das senhoras e dos pais - toda a gente sopra e o vento vai - -	Rf ₄ Rf ₇

C 34 (6/2 - 6/15) "As nuvens"			
	Loc 2. e as nuvens?		S7
	Loc 1. e as nuvens andam no céu	M7 R1	
Ex.	Loc 2. Porque é que elas andam?		S9
nº 4	Loc 1. Não - aí //pensa// - não sei		R4
	Loc 2. Sabes - sabes do vento também sabes das nuvens - já viste as nuvens a andar? - É?	M8 RF2	RF2
	Loc 1. Já		RF8
	Loc 2. Então o que é que tu achas - conta lá		R1
	Loc 1. Oh - já sei - é o vento que está a empurrar // decidida//		S1
	Loc 2. Ah - vê //ei// - olha e de que é que são feitas as nuvens?		R1
	Loc 1. Eh? - aí - são molinhas		RF6
	Loc 2. São molinhas - de que é que são feitas?		RF6
	Loc 1. Hum - de lá //ri//		S13
15.	Loc 2. Ah de lá //ri// //rim as duas// - - -		R1
			RF4
			R1
			S13
			R2
			RF9 = S3
			M10
			R2
			R9

Fig. 4

A unidade temática C₃₃ "O vento" é constituída por quatro movimentos: M₃, M₄, M₅ e M₆, sendo os dois primeiros abertos e os dois segundos fechados. Os movimentos abertos constituem mais do que uma fase da sequência S --> R --> Rf, sendo normalmente o reforço da fase anterior igual à solicitação da fase seguinte (Fig. 5a e 5b).

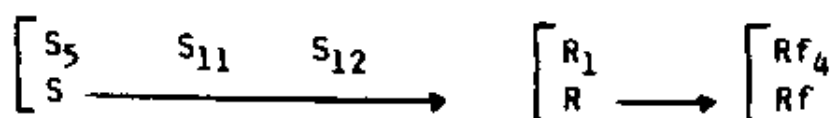
Depois da análise estrutural do texto, passamos à etapa seguinte, isto é, à tentativa de **caracterização semântica das construções causais** que aparecem nas unidades escolhidas. Assim, na unidade C₃₂ à pergunta causal "Como mexe o mar?" e "O que é que faz mexer a água no mar?" o alocutário responde: "Com o vento", "O vento" (ex. 1). Na unidade C₃₃ temos o par: "Donde vem o vento?" - "Do céu" (ex. 2) e a seguir (ex. 3): "O que é que faz soprar o vento?" - "A boca (das pessoas)", enquanto na unidade C₃₄ temos: "Porque é que as nuvens andam no céu?" - "É o vento que está a empurrar" (ex. 4). As características semânticas das solicitações citadas parecem-nos ser decisivas na articulação da resposta final do alocutário. Trata-se das características referentes ao verbo principal de pergunta: no ex. 1 se um elemento da natureza "mexe" é por causa do vento, vento esse que no ex. 2 "vem" do céu e que no exemplo 4 está na origem do "andar" das nuvens. No ex. 3 o vento deixa de ter a sua função activa como no caso de 'O vento sopra' - em que o verbo "soprar" é intransitivo - para se tornar o objectivo da função de soprar - "soprar" transitivo - quando surge a boca que "faz soprar o vento", e isto tanto na reacção verbal como na reacção não-verbal do alocutário.

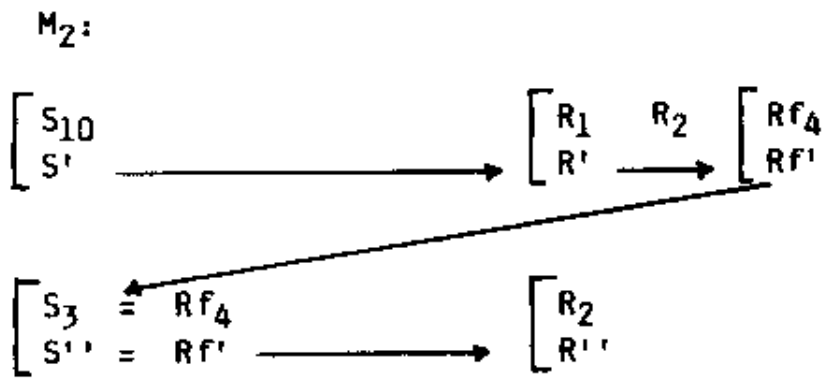
EXEMPLO DA INTERDEPENDÊNCIA DA MICROESTRUTURA E DA MACROESTRUTURA

Movimentos dos Subtemas C 32, C 33 e C 34

C 32 - M₁ e M₂

M₁:





C 33 - M₃, M₄, M₅ e M₆

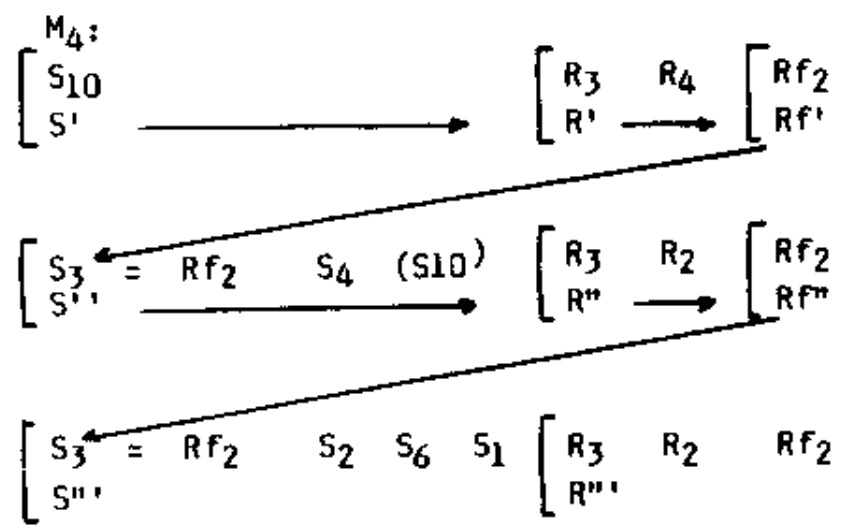
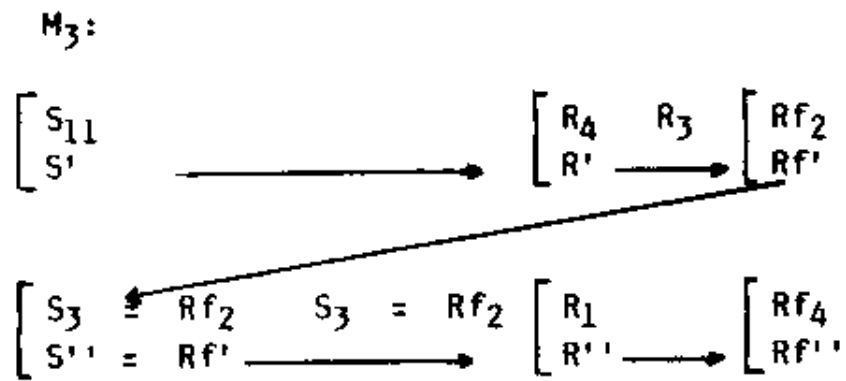
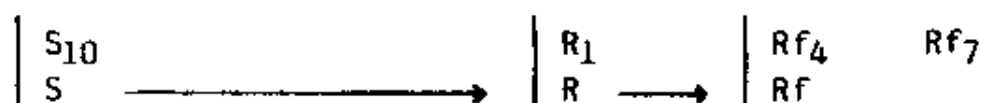
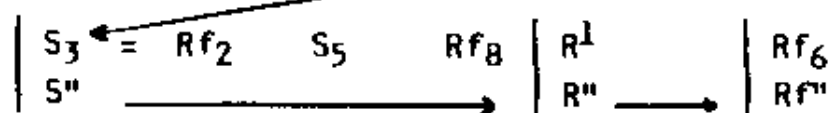


Fig. 5a

M₅:M₆:C 34 - M₇, M₈, M₉, M₁₀M₇:M₈:

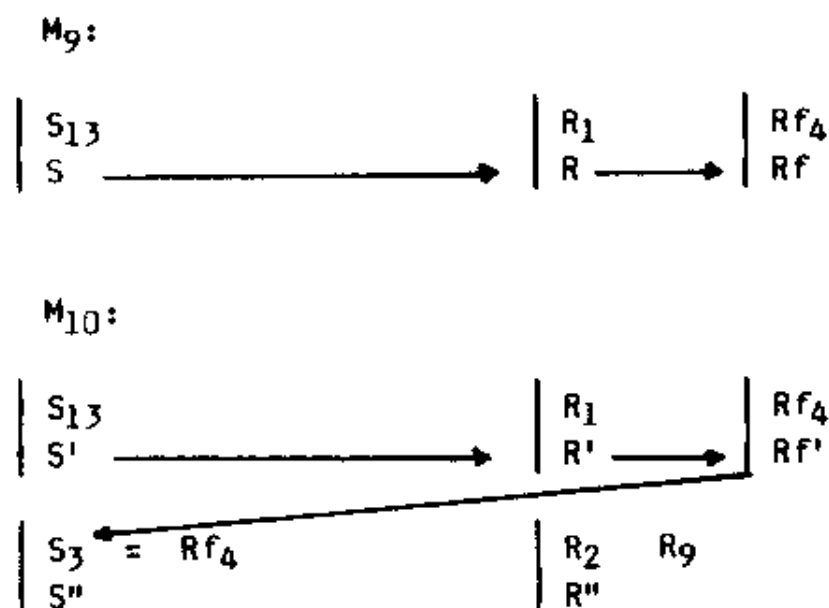


Fig. 5b

É curioso verificar as situações temáticas análogas no corpus polaco. Aqui o vento está na origem do movimento das árvores (p. 2): "Porque é que esta árvore está a mexer?" - "O vento está a empurrar as árvores", assim como do frio: "Como é que sabes que está frio?" - "Vejo as árvores a abanar" (p. 18). O mar, no entanto, não mexe por causa do vento mas por causa dos navios (p. 15): "Porque é que há ondas no mar?", "Como é que a água mexe?", "Porque é que a água mexe?" - "(São) os navios". Este exemplo parece-nos ilustrar muito bem a teoria segundo a qual é a situação da solicitação que já contém em si características suficientes para operar um certo modelo mental.⁵ Se do contexto português o alocutário repesca o verbo "mexer" para lhe associar "o vento", no contexto polaco parecem ser "as ondas" (e não o verbo "mexer") o elemento decisivo para desencadear a resposta. Assim, duas solicitações aparentemente semelhantes, mas realizadas com características semânticas diferentes, em línguas diferentes, podem fazer surgir, no mesmo alocutário, respostas de carácter diverso.

Resumindo, os exemplos citados constituem apenas um aspecto das pistas que nos propusemos seguir ao efectuar o presente estudo.

NOTAS

1. Ver trabalhos citados in: Singer, M. (1986) p. 55.
2. Johnson-Laird 1987 a)
3. Ver os estudos longitudinais dos primeiros anos de criança, assim como o estudo "Aquisição e aprendizagem da linguagem verbal - análises de estratégias de tradução de uma criança bilingue luso-polaca entre os 2.04 - 4.02" apresentando nas Jornadas de Socio-linguística" na FLL, em Janeiro de 1987.
4. Raingeard, M. & Ute Lorscheider, "Édition d'un Corpus de Français Parlé" pp. 14 - 29.
5. Johnson-Laird 1987 a)

BIBLIOGRAFIA

- Faria, Maria Isabel Hub (1983), "Para a Análise da Variação Sócio-semântica - Estrato Sócio - profissional, Sexo e Local de Produção enquanto Factores Reguladores em Português Contemporâneo das Formas de Auto-referência e de Orientação para o Significado", tese de doutoramento, policopiado, FLL 1983
- Johnson-Laird, P. N. (1987), "The Mental Representation of the Meaning of Words", "Cognition", 25 (1987) pp. 189-211.

-
- Johnson-Laird, P. N. (1987), "Reasoning, Imagining, and Creating", "Bulletin of the British Psychological Society" (1987), 40, pp. 121-129.
- Piaget, J., "A Formação do Símbolo na Criança: Imitação, Jogo e Sonho. Imagem e Representação", tr. brasileira, Zahar ed. 1971 (a partir da 3ª ed. de 1964).
- Piaget, J., "O Raciocínio na Criança", Editora Record, tradução brasileira, 1967.
- Piaget, J. (1972), "Le Representation du Mond chez L'enfant", Presses Universitaires de France, Paris 1972.
- Singer, M. (1986), "Answering Yes-No Questions about Causes: Questions Acts and Questions Categories", "Memory & Cognition", 1986, 14 (1), pp. 55-63.